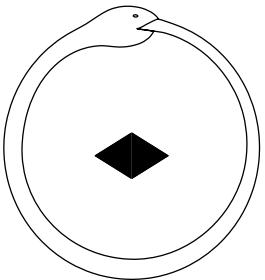




YVY CASA CIDADE
Selvagem na Casa do Povo



cadernos
SELVAGEM



YVY CASA CIDADE

Selvagem na Casa do Povo

*“Há de se pensar a casa:
vivemos na urgência de fazer deste planeta um verdadeiro lar,
ou melhor, fazer da nossa moradia um verdadeiro planeta,
um espaço capaz de acolher tudo e todos.”*

Emanuele Coccia, *Filosofia da casa*

Entre 3 e 26 de outubro de 2024, o Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida, e a Casa do Povo¹ se juntaram para a realizar uma nova edição do projeto pedagógico da Casa do Povo, a **Casa-Escola**. Dessa parceria nasceu a residência **Planeta Casa**, um programa que aborda as dimensões planetárias e micropolíticas do que é e o que pode ser uma casa.

Para realizar o projeto, formou-se um grupo de estudos composto por 10 participantes selecionados via chamada aberta, foram programadas atividades públicas como conversas abertas e produção coletiva de textos e mapas.

Ao longo das quatro semanas, foram abordadas as camadas geológicas, cronológicas e crônicas do Planeta Casa: o território originário que dorme sob o chão da cidade, a camada do espaço-tempo da própria Casa do Povo e a cidade que existe ao seu redor e uma última camada vinculada à construção de um jardim na Casa do Povo.

Além do grupo de estudos, participaram do programa: Cafira Zoé e Camila Motta (Teatro Oficina), Carlos Papá e Cristine Takuá (Escola Viva *Guarani*), Daniel Caballero (Cerrado Infinito), José Bueno (Rios e Ruas), Emanuele Coccia, Júlia de Carvalho Hansen, Rita Carelli, Yoshihiro Odo, os coletivos Saracura Vai-vai, Salve Saracura e outras iniciativas coletivas da Casa do Povo.

1. A Casa do Povo é um centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória. Habitada por uma dezena de grupos, movimentos e coletivos, alguns há décadas e outros mais recentes, a Casa do Povo atua no campo expandido da cultura.” Eu adicionaria “É localizada no bairro Bom Retiro, na cidade de São Paulo.

ASSIM ELAS
COMEMORAM
A VITÓRIA

252

Eu desejava u
casa de aven
Consegu.

Carolina Maria de Jesus

SEMANA 1
YVY OKE
TERRITÓRIO DORME

Tietê: t̄i é branco, cristalino ou algo transparente. Et̄ê é verdadeiro.

Então seria verdadeira transparência. Rio de verdadeira transparência.

Carlos Papá

Os encontros da primeira semana buscaram restabelecer a conexão com algo tão essencial como saber onde você se encontra. Conhecer o lugar onde se vive ou por onde se está de passagem. Para os *Guarani*, a palavra carrega uma força especial. Atribuir significado aos nomes de bairros, ruas, rios, parques e vales é uma importante chave para conscientização de nossas origens.

Ibirapuera, Anhangabaú, Pacaembu, Tucuruvi, Jaguará, Mooca...
A cidade de São Paulo já foi Mata Atlântica. Quem a conheceu, os indígenas que a habitaram e habitam, legaram nomes que descrevem territórios hoje esvaziados de seus sentidos originários. Os nomes são uma mensagem para nossos dias, buscar seus significados, acordá-los em seus sentidos é despertar no espaço urbano uma paisagem perdida, uma paisagem submersa, escondida, que se fará presente no imaginário coletivo.

Nhe'ery, onde as almas se banham, é como os *Guarani* veem o território que costuma ser chamado de Mata Atlântica, um lugar sustentado pela água, habitado por *ijás*, donos dos seres, responsáveis pelas árvores, por animais e todos os elementos da natureza. Caminhamos pela composição do território que dorme sob os pés de São Paulo.

Como parte da pesquisa sobre mapas e transformações no território de São Paulo, o grupo recebeu, para uma conversa, Carlos Papá, Daniel Caballero, José Bueno, Camila Motta e Cafira Zoé.





Tamanduaete'i Tiete Anhangabau Moaka Guaiianazes Ipiranga	K'a guaxu Cambuci Butantã Caxingua Itararé Peri Pan Itac	Jaguare Carapicuiba Pocí Pirajussara Tatuapeí Uberaba	Tuuruvi Mandaguí Imiri Tremembe Pirituba Carandiru
Anicandura Dapopemba Quabirobeira Guaió Vina Taiacupeba Tiquatira	Cangaiba Guaiuna Jacumé Kanguera Casandoca Iguatemi Katumbi	Kubiana Nhocumé Jussara Taguari Catitu Paratini Guarani Guaracala	Aimori Jurema Taipuru Marpu Paraguaxu Imbria Iguagu
Buçucaba Morumbi Guarrutuba Guarapinanga Itai Ibir Moema Tuparaquera	Maraci Canaá Maracá Caraguata Botucatu Vmuarama Congonhas Traipu Itapicuru	Iatinga Angatiba Itatiba Itapemirim Itaeté Itajaçu Itaperuna Itaptangui Itaguaba	Istatiara Itamarati Itabaguara Turianu Itacuce Pire
PIRATININGA CAGUA SSÚ PAIN IGUAPE SOROCABA PAISSANDU ACU	JAGUARIBE PARNAÍBA ITU IGUAPE TAMANDARE ITAPECIRICA GUARACAHU	NHANGUASSU CABUGU PIRIPORINHA CIPONDA ITA POÁ BAQUIRI VU BAQUIRIU GUAGU MUNGAÍ	CANGUERA JACUPEVAL JAQUIRA BARARÓS IRACEMA TA RASSÚ ARAÇY GUAVAPÉS
22	23	24	25

Jabaguara
Sacomã
Jirapuera
Kupecé
Jurubatuba
Jequiritiba

Anacá
Baracura
Pacaembu
Sumaré casul
Ipóca
Puripiri
Itaguaxu

MARE DE ITU
CAMUCIM
TAJIPURU
PARAGUAÇU
CAPIPERIBE
ITAPICURA
TRAIPU

CARAMURU
QUITAUÑA
BUSSUCA BA
CAYANTAN
TAMBORY
COTIA
CAPUCAIA
VOATINGA / JOATINGA

Boréi
Anaguava
Embruru
Capivari
Cipó
Mboi Guaxu

Jiguari
Janaguá
Qabucú
Quapira
Pirucaia
Tiburuçá
Bopi

ACARAÚ
TINTAUBA
ITAPEN
MOSSORÓ
JABIATÃO
JAMUDÁ
CURURIPE

CABREÚVA
CATAMBÚ
CO PAHIBA
CATA GUÁ
JABOTÁ
MERINBIBA
EMBIRUSSU
CORIOVA

Mboi Morum
Takuaxiara
Kamindé
Itaguera
Jacu
Jacuri
Eruçá

Botucuara
Guarai
Siquiri
Anhanguera
Jaçanã
Jaguara
Mutinga
Anhembi

BORORÓS
IBIAPABA
TUMURUNQUI
JUTAHY
GUARAY
PINDAMONHAGABA
BORBOREMA

XIXOVÁ
M. do CATUPÉ
PIRUCAIA
RIO GUAYÓ
TEVÓ
M. do PUTRIBÚ
SABOÓ















SEMANA 2

YVY CASA

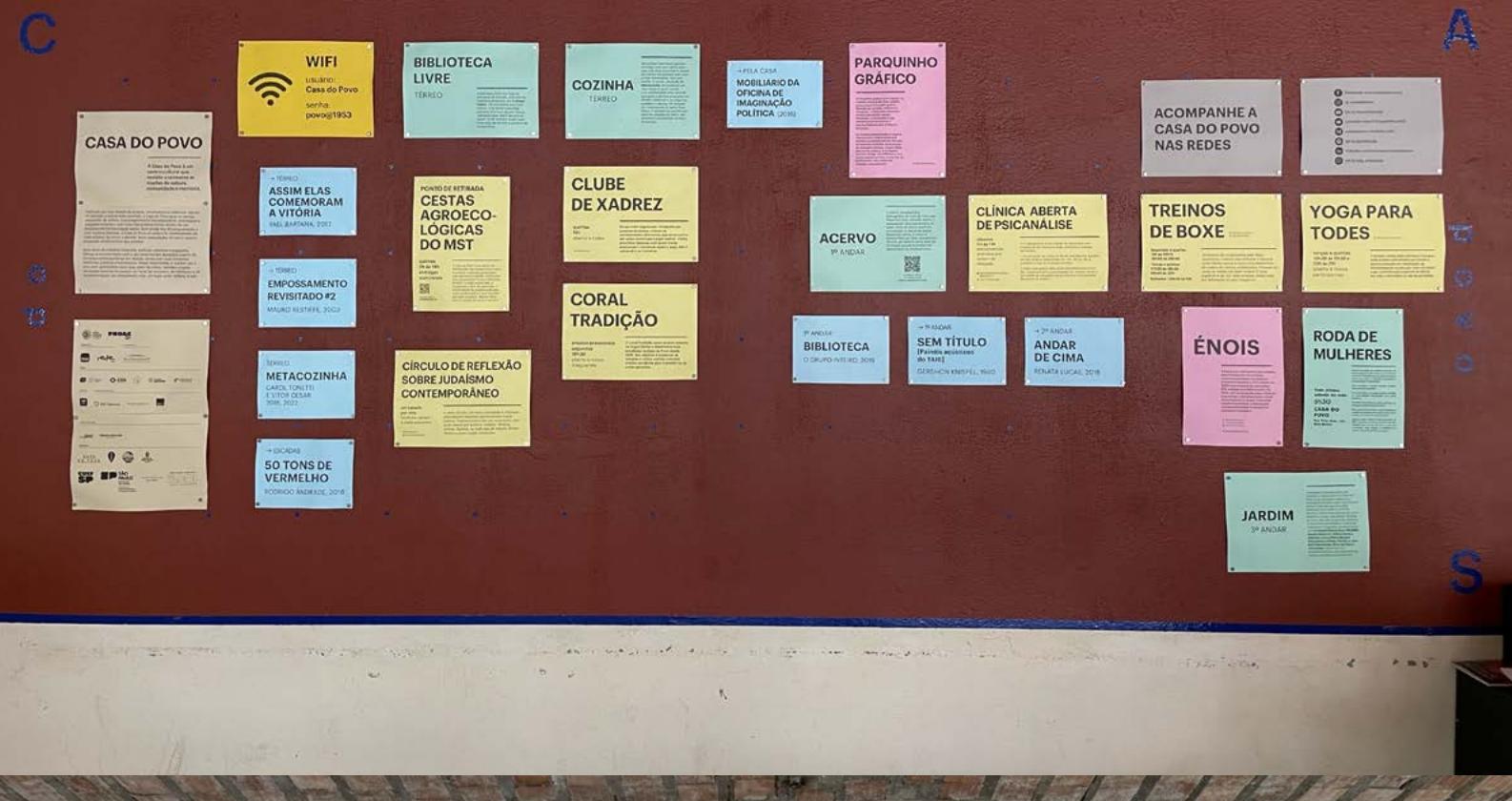
QUEM É A CASA DO Povo

Então, o que a gente tem feito na casa é manter um espaço vazio.

Todos os espaços podem ser tudo, o tempo todo.

Benjamin Seroussi

A Casa do Povo, com toda a sua porosidade, é o foco. Os participantes conheceram a ecologia das práticas que compõem a comunidade em constante expansão da Casa do Povo a partir das redes, coincidências, sincronias, diferenças e complementaridades. Visitaram as aulas de yoga e boxe, o teatro, as costureiras que ocupam o segundo andar e o Parquinho gráfico. Além disso, os arredores da casa foram percorridos em um passeio guiado pelo bairro do Bom Retiro. Ao retornar para Casa do Povo, na companhia de Yoshihiro Odo, os participantes conversaram sobre os pontos de energia desse corpo-casa. Ele, em diálogo com Carlos Papá, fez uma fala sobre acupuntura, passando por temas como Sol, calor, brasa, moxa, meridianos e pontos, além da evolução das curas ancestrais no Extremo Oriente asiático.

















SEMANA 3
YVY CASA CIDADE
O QUE VIRAMOS

Será que o Rio Bixiga, nesse momento, ele está conseguindo o que desejou, que é ser desaterrado? Para isso, eu falo da perspectiva teatral, que traz uma perspectiva trágica, porque não deixa de ser uma tragédia o que a especulação imobiliária faz nas cidades quando destrói bairros, culturas que, por sua vez, foram implantadas por cima desse paraíso que existia aqui e de outros povos.... Será que o Rio Bixiga, nesse momento, conseguiu dar um baile em todo mundo e de alguma maneira se beneficiou inclusive da especulação imobiliária para ser desaterrado? O rio como sujeito de ação.

Camila Motta

Ao nascermos chegamos a um lugar que foi projetado e modificado pelas gerações passadas. Nem sempre o desenho de mundo que recebemos nos representa. Por que estradas, ruas, carros movidos a combustíveis fósseis, elevadores, privadas? Poderíamos nos transportar com asas no vento, morar em casas em árvores ou viver em subterrâneos.

Existe um fenômeno denominado Síndrome de Deslocamento da Linha de Referência (Shifting Baseline Syndrome – SBS), no qual uma mudança gradual no meio ambiente é aceita como natural devido à falta de memória ou conhecimento de uma condição passada. O mundo é aquilo que conhecemos e chamamos de mundo. Perdemos a consciência do processo em que estamos envolvidos.

A vida é um processo contínuo e ininterrupto, como demonstra Emanuele Coccia no livro *Metamorfoses* (Dantes Editora, 2020). Ela nunca acaba e segue se transformando na vida que se aglutina em diferentes corpos ou se dispersa nos elementos do corpo da Terra. Em um mundo onde a memória das interligações da vida se perdeu, em um tempo tão sobrecarregado de camadas desconectadas, precisamos nos realfabetizar.

Visitamos um pequeno trecho de São Paulo, o bairro do Bixiga, investigando sua trama de rios subterrâneos, as intervenções do estado, a resistência: uma horta urbana, o Teatro Oficina e o espaço de um parque por vir. Depois seguimos os caminhos dos resíduos para um enorme galpão e planejamos uma maquete de São Paulo.



PARA
TÁB
PARA
TÁB

AQUÍ TEM UMA
NASCENTE ()

















PLANETA CASA

SÃO PAULO

YVY OKE



JERIBATIBA lugar de muitas Jeriwás
 PIRATININGA rio de peixe liso JARAGUÁ gruta do dono
 PIRITUBA lugar onde há muito estalo de árvores
 CABUÇU árvore leitosa TATUAPÉ trilha do tatu
 TAMANDUATEÍ rio da verdadeira lembrança
 CANGAÍBA imagem da árvore frutífera
 CURUÇÁ os olhos da coruja MORUMBI horizonte azul
 GUAYANASES povo que vive da fruta aguá
 TIETÊ rio de verdadeira transparência
 JAÇANÃ travessia do pássaro nhána
 TUCURUVI grilo que fica debaixo do solo
 JACUÍ pequeno passáro Jacu ANHANGABAÚ em meio
 a um santuário MOOCA berçário de ervas medicinais
 IBIRAPUERA madeira que vai apodrecer
 IPIRANGA cabeceira do rio do peixe
 ITAQUERA lugar de pedras estouradas
 SAPOPEMBA raiz que se torna barreira
 ARICANDUVA Lugar de sentir o dia BUTANTÃ som
 firme IGUATEMI pequena nascente verdadeira
 JABAQUARA refúgio dos fugitivos
 ITAIM pedra pequena M'BOY MIRIM cobra pequena
 JAGUARÉ lugar do Jaguar CAPIVARI lugar da capivara
 GRAJAU rios dos bugios

O mapa YYY OKÉ foi elaborado durante as três primeiras semanas de residência. Ele nasce dos estudos do grupo sobre os mapas de São Paulo, do levantamento de palavras indígenas que nomeiam rios, bairros e regiões e da fala de Carlos Papá, que narrou os significados de cada som que compõe os nomes.

Ainda nessa primeira semana, o grupo e os jovens da Aldeia *Guarani* de Ribeirão Silveira traçaram os caminhos do Rio e desenharam grandes mapas, trazendo de volta para a cidade seres que habitam a *Nhe'ëry*.

Na terceira semana, após uma caminhada que seguia o curso de rios que circulam sob o asfalto da cidade, o grupo juntou esses elementos e, no Parquinho gráfico da Casa do Povo, imprimiu o mapa em risografia.

SEMANA 4

YVY CASA CIDADE JARDIM ESCOLA VIVA

O QUE DESPERTAMOS

Nenhum de nós mora realmente em uma cidade. Ninguém pode de fato, porque as cidades são, literalmente, inhabitáveis. Podemos passar horas infinitas nelas, momentos sublimes ou infernais graças a elas. Podemos ficar no trabalho e perambular entre lojas, vagar pelos labirintos das ruas e vielas ou nos refugiar em teatros e cinemas, nos sentar nas calçadas de bares e comer em restaurantes, correr nos estádios e nadar nas piscinas. Cedo ou tarde, no entanto, teremos que voltar para casa, porque é sempre e apenas graças e dentro de uma casa que habitamos este planeta.

Emanuele Coccia, *Filosofia da casa*

Para lançar o livro *Filosofia da casa*, de Emanuele Coccia, em São Paulo foi organizada uma grande roda de conversas com Emanuele e convidadas: Cristine Takuá falou sobre a casa de rezo, Júlia de Carvalho Hansen, sobre casas astrológicas e, Rita Carelli, sobre experiências de casa Enawene-nawe.

Seguimos com o plantio de um jardim na Casa do Povo para celebrar o viver e o estar entre seres vegetais e outros que possam vir a habitá-lo. Plantamos um espaço verde no concreto, com simplicidade e amor, plantamos um convite para humanos e não humanos entrarem, permanecerem, observarem e sentirem, juntos.













participe e possa desse novo CICLO para que o Povo

deus SERES. O jardim começou com as plantas que já estavam presentes, pelo passo GUARANI MBYA o KI espécies de retomada, aquelas que rapidamente um território machucado. Para resgatar a Mata Atlântica, nova paisagem, os amantes da mata nativas, como a doce CABEUDINHA e plantas que marcam



COLABORAÇÕES
YVY PLANETA CASA
A CASA RESSOA

Eu não gosto de falar por ninguém, nem na eleição.

*Esse negócio da representatividade é muito complexo,
mas eu acho que falar junto é importante, falar junto é o que interessa.*

Porque eu acho que a gente fala muito pouco junto.

Cafira Zoé

Após quatro semanas de intensas conversas, escutas, pinturas, fabulações e jardinagem, os participantes da residência foram convidados a produzir trabalhos que refletissem os percursos traçados. O que segue são as impressões e estudos elaborados por eles.

Sonhei Nhe'ëry.

Integrado, eu também era sonhado.

Um tempo solidário onde os dias e noites não eram obrigados a estarem em um calendário.

Contemplação. Como a terra que contempla o vento que baila no céu.
Como o vento que contempla a terra que acolhe tudo sob o céu.

Era morada e encontro.

A casa entre a montanha e o mar.

A cozinha aberta.

Um violão encostado na parede

Beija-flores passeavam pelas cores das plantas.

O pequeno rio, que descia pela montanha e corria por baixo do placo do teatro, compunha a base da sinfonia.

Nhe'ëry é minha casa. Sua casa. Casa de todos os seres que a habitam.

Nhe'ëry acolhe. Não julga.

Acordei e não tenho casa. Como tantas outras pessoas, sem moradia, sem terra, tiradas de suas possibilidades de viver a não ser em submissão. Alguns se apropriaram de Nhe'ëry e condicionam a vida de um tanto de outros seres a seus próprios privilégios.

Temos manipulação, guerra e destruição.

Ainda sonho em ter uma casa. Só que agora sei que minha tarefa é cuidar de Nhe'ëry e, assim, garantir a morada de todos.

ALEXANDRE GONÇALVES



ANAI VERA.
CASA CIDADE FLORESTA PLANETA .
COLAGEM, 2025.

Terras de muitas cores
Cores de muitos cantos
O Sol é pra todas elas

Todo colorido nasce do escuro
Viva o encontro!

Poesia brincadeira que acompanha a bandeira pintada da imagem a seguir.
(Foi pintada por esses dias, mas tem um tanto do que foi esse encontro,
também, dentro.)



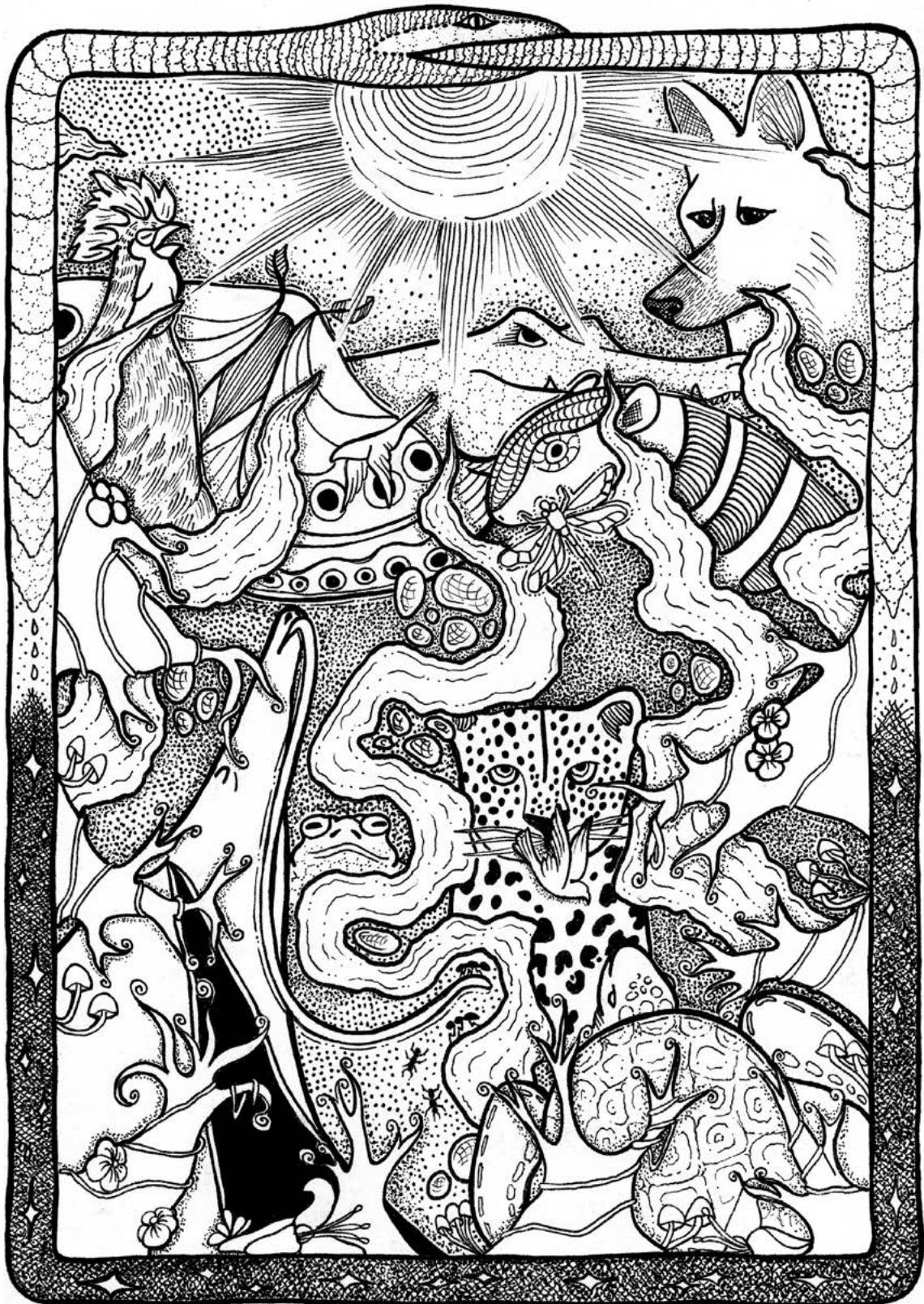
ERIKA SANCHEZ

Relato (agora certamente é diferente de quando foi)

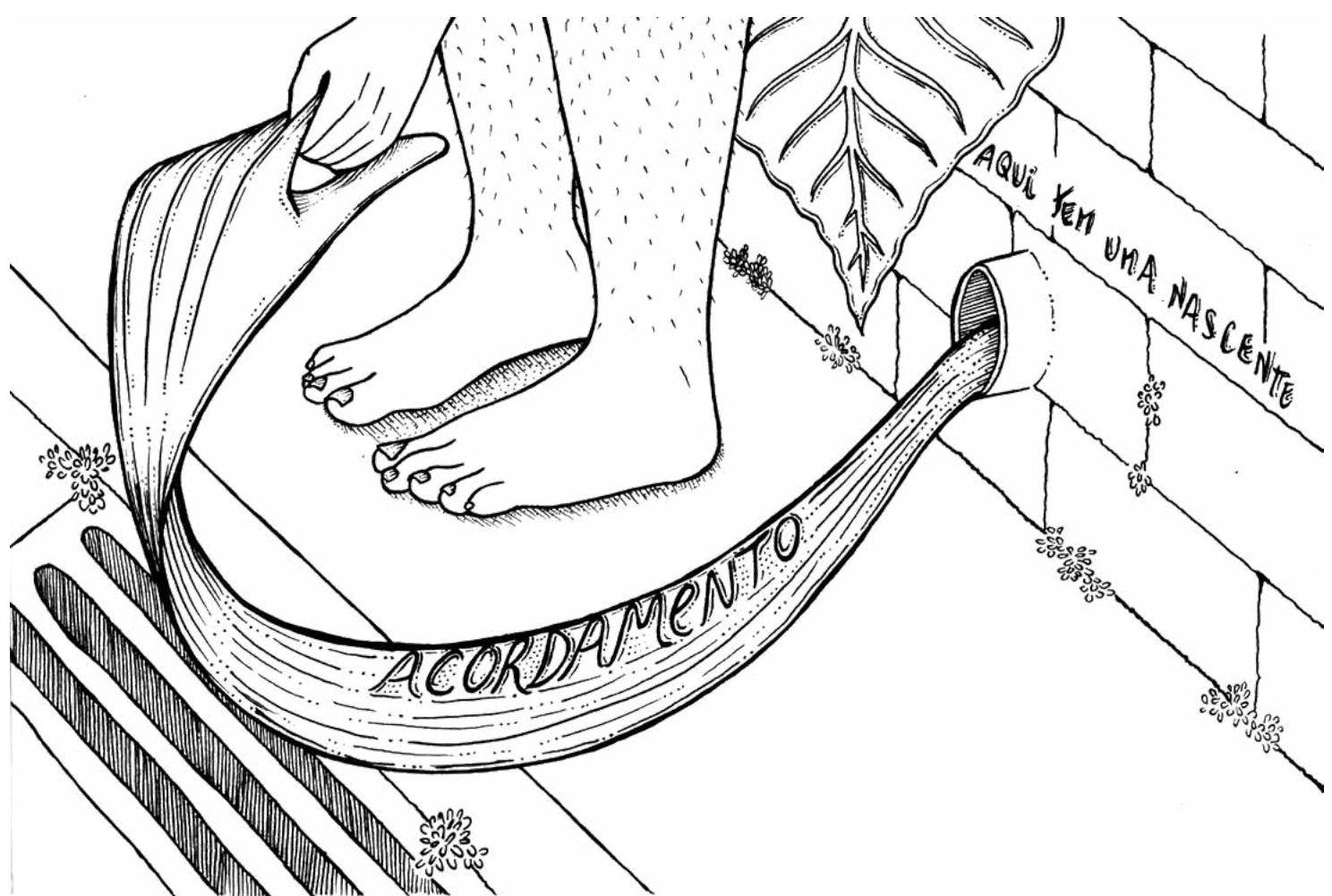
O encontro Selvagem **Planeta Casa** veio como o nome mesmo diz: um encontro selvagem. Encontro com pessoas e conversas que eu já andava buscando, e algumas que talvez não pudesse imaginar que estivesse. Dias longos com gosto de sonho e respiro.

Terra fértil e solo vivo dentro de um processo pela caminhada na geologia, e na geologia de engenharia, onde desaprender se torna mais interessante que aprender. Quando a história contada, as origens, o correr de águas abundantes e um pôr do Sol no interior paulista, essa alegria toda, se tornam a base científica e a atuação profissional, não deixando de ser.

ERIKA SANCHEZ



JESSS GODOY



JESSS GODOY

O rio de memórias ancestrais já estava ali. Vivo, correndo através do tempo, carregando histórias, saberes e vidas que compõem o *Plane-ta Casa*. Para muitas das pessoas que participaram deste ciclo de estudos, foi a primeira oportunidade de unir nossos afluentes pessoais a esse grande fluxo ancestral, trazendo nossas águas — de percepções, conhecimentos, sensibilidades — para somar à força desse rio já existente e se deixar atravessar por ele. ***Que sorte a nossa!***

Durante o ciclo, mergulhamos fundo na memória da *Nhe'ëry, onde os espíritos se banham*, permitindo que a ancestralidade se pronunciasse. Carlos Papá e Cris Takuá, com muita gentileza, nos ensinaram a escutar as vozes do território em que estamos e a interpretar os significados adormecidos das palavras que habitam os nomes dos bairros, ruas e rios da cidade.

Quando se observa com atenção os mapas antigos de São Paulo, fica fácil perceber. Há rastros de nomes indígenas por todos os lados. Evidências de memórias ancestrais que resistiram ao tempo, ao concreto e às tentativas de apagamento. Fomos acordados pelas histórias que as palavras contam e os sentidos profundos que carregam. *Jabaquara*, o refúgio dos fugitivos. *Anhangabaú*, lugar em meio a um santuário. *Tamanduateí*, rio da verdadeira lembrança. Entre tantas outras. Não se tratava apenas de decodificar significados, mas de reconhecer e sentir o emaranhamento invisível que liga todas as coisas: os rios, os animais, as plantas, as memórias, os sons, os sonhos, as palavras, nós.

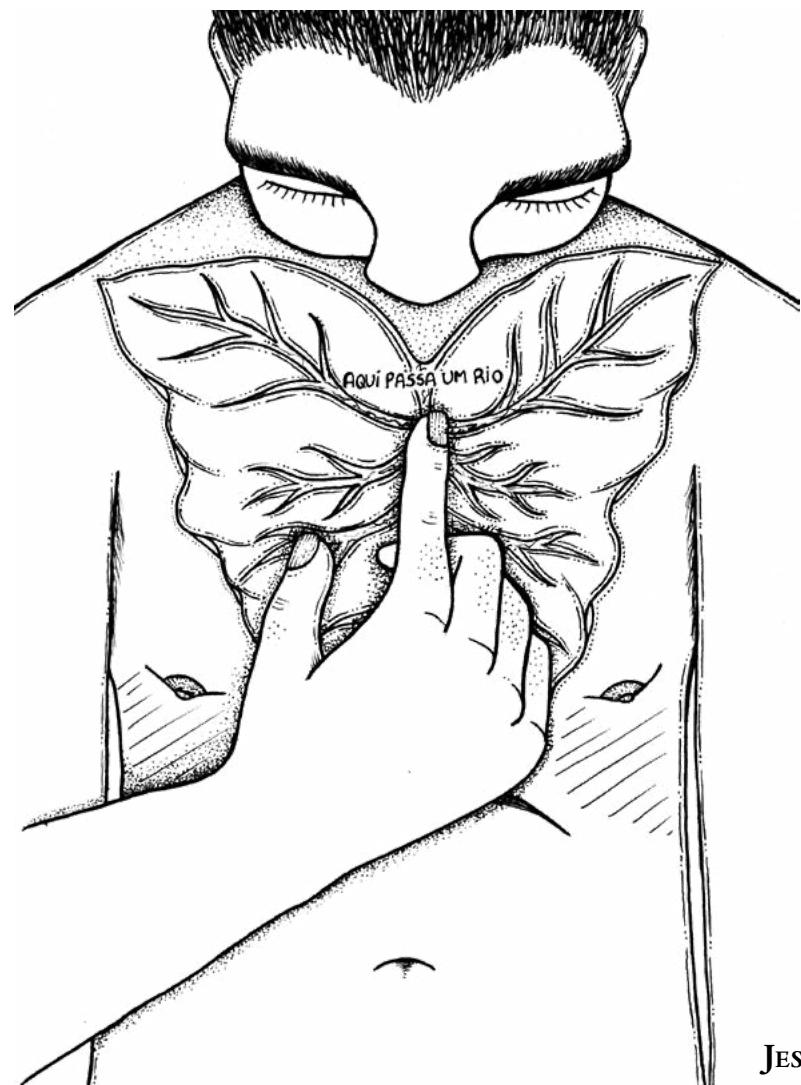
Cada nome que emergia trazia à tona fragmentos de um tempo em que o território ainda não era sufocado por asfalto, concreto e rios canalizados. Memórias vivas, resistentes, como uma planta que teimosamente brota das frestas de uma calçada para entregar aos que aqui estão a medicina necessária para esse tempo: *o acordamento*. Os significados das palavras nos guiavam, não apenas para compreender o passado, mas para imaginar outras possibilidades de presente e futuros. Possibilidades melhores, mais vivas. Eram, digamos assim, *ideias para revegetalizar o mundo* — parafraseando Ailton Krenak.

Aprendemos nestes dias que tudo na *Nhe'ëry* nos convida a reestabelecer nossos vínculos mais saudáveis, e que ela sempre está se comuni-

cando conosco, basta ter a intenção de escutar — lá no escuro que todos temos dentro de nós, como bem ilustrou Carlos Papá.

O território deixou de ser algo que simplesmente habitamos para se tornar algo que nos habita. E nos ensinou que tudo, mesmo quando parece escondido ou adormecido, pode despertar e voltar a crescer com o acolhimento e cuidado necessários. E, com isso, plantamos não só o jardim *Oká Momyí* na Casa do Povo, mas também sementes e mudinhas de cuidado e regeneração em nós — prontas para reflorestar onde quer que nossos passos nos levem.

Ao final do ciclo, saímos mais atentes, transformades pelo que ouvimos e vivemos. O conhecimento, as histórias e as sensibilidades compartilhadas continuaram a fluir, se espalhando para além dos nossos dias de encontro para encontrar novos caminhos, nutrir outras margens e gerar vida ao longo de seu percurso, assim como um rio.



JESSS GODOY

Minha intuição tem me conduzido a encontros familiares com pessoas desconhecidas. Tendo entendido que a casa é uma só, cuidar da convivência dentro dessa casa é uma responsabilidade de que está acordado dentro dela. Acordar, dormir e sonhar são coisas que deveríamos fazer em segurança, em casa.

Em casa, convivemos com outros seres. Alguns deles, inclusive, mesmo sendo da mesma família, não são familiares. Curiosa essa falta de familiaridade entre familiares sanguíneos.

Entre os não familiares sanguíneos, no Planeta Casa, em outubro de 2024, senti o seguinte:

Colonial, patriarcal, ocidental, letal, marçal, amoral, letal, temporal, digital, letal.

Animal, Maternal, Ancestral, Pluriversal, Corporal, Celestial, Vegetal, Natural.

Cadê a flor daqui?

Cadê o rio daqui?

Procurar, desenterrar, dialogar, gritar de vez em quando, amar, desordenar, destabilizar, abraçar, corazonar, compostar, aldear, libertar, sulear, cirandar frevar, fantasiar, forrozar, sambar, sonhar, meditar, silenciar e barulhar.

Respeitar o tempo do outro.

Respeitar o outro.

Sonhar e ensinar a sonhar.

Escutar o lugar.

Esperançar.

MARTA ARAÚJO

YVYRA'A - YVACI (FRUTA HUL)

IDJU (AMARELO)

DACONÁ PLANTA ENPOLADA

TAIOBA TAYÁ OB
ADE?

JUSSARA AGAI ETÉ TUTERÉ EDUÉ

CABELUDINHA JÁBIU (FRUTA FECUDA) XUA PELO YOB AMARELO
ABÍIU NYRCIAIA GAZIÖVIANA
Inga sp.

APEYRÁ FRUTO CAREUBO

HADANÁ GRUPO KAARU

ÍPIS OB DUY FOIKA ESTREITA



Uma das vivências mais legais que já experimentei
Senti ser como árvore
Sustentei e fui apoiada
Troquei muita energia
Frutifiquei e fui nutrida
Plantei minhas sementes de *Nhe'ẽry*
Criei tucano, vi tatu a pé
Toquei a fonte e os meandros do rio
Cultivei o emaranhado
Logo eu, avessa à cidade, fiquei enraizada no coração dela
No selvagem tudo é belo, diverso, colorido
Cada *Tamoio* fala a sua língua e todos se compreendem
Não existe projeto, há uma dinâmica cósmica
Coabitei um horizonte de mundo ideal

De volta à casa corpo, sinto que meus jardins paisagem serão ainda
mais um *Oká momyí*

Óka momyī é um jardim criado pelo Planeta Casa para despertar a conexão com a floresta ancestral que está adormecida sob a cidade.

Abaixo da Casa do Povo, existe um antigo córrego que desagua no Rio Tamanduateí.

Enquanto essas águas não voltarem a brilhar com o Sol, *Óka momyī* precisa que o Povo participe desse Ciclo para que ele prospere e possa novamente coabitar a Cidade junto a seus Seres.

O jardim começou com plantas que já estavam por aqui. Agora esse espaço recebe plantas mestras presenteadas pelo povo *Guarani Mbýa*. A turma da agroecologia arranjou PANCs (comestíveis) e espécies de retomada, aquelas que rapidamente curam um território machucado. Para resgatar a *Nhe'ẽry*, mais conhecida como Mata Atlântica, floresta original dessa paisagem, os amantes da mata trouxeram espécies nativas, como a doce Cabeludinha e a palmeira Jussara, plantas que gostam de solo úmido, como eram as margens do antigo córrego lá embaixo.

o desenho das águas na terra

a água serpenteia a terra
se transforma porque anda de lá pra cá
de cá pra lá
nem todas águas vão pro mar
aprendi que o rio TIETÊ corre pra dentro
navegável
canoável

viajar pra uma são paulo banhada em água, y rememorar seus nomes y
significados originais em tupi-guarani
faz ver que andamos em solo todo de pindorama banhado em água
mesmo que escondido sufocado concretado canalizado
eles insistem em brotar
os rios
mesmo que em cima duma nascente prédio foi feito
casa do povo em cima de rio banhável em rua que chama rua três rios
um deles
nasce embaixo dela
y não há coisa mais povo que rio
que alimenta que banha que cura que abençoa
esse rio
que nasce embaixo da casa do povo
que foi evocado por uma criança que insistia em se banhar com água de
bebedouro
num manifesto cósmico: pra que a gente abra as torneiras do mundo
deixe a água correr livre
que se transforme em chuva
em mar
em alimento
em árvore
em bicho
em gente
porque em todos os momentos

ela nos atravessa
seres que vivemos nesse mundo
que temos água nos olhos
que bombeamos água vermelha com o coração
que enquanto respiro a água está em mim
que quem me comerá depois de morrer terá também minha água
pra que se transmute então

porque os rios são muitos y os nomes de origem dizem de observação
atenta e contínua
de quem caminha há mais de 10 mil anos por pindorama
espalhando semente plantando floresta se banhando nos rios
porque são muitos
y o nome são paulo diz pouco sobre isso y a cidade que morei por muitos anos também
santa maria
rodeada de cachoeiras, que nascem em itaara, mas com seus rios escondidos
y fedidos
o cadena
rio também sufocado que atravessa a cidade y também
é navegável
y porque mesmo que concretado uma hora isso tudo vai quebrar
y enquanto não quebra que busquemos viver y cuidar de onde ainda os rios são rios, coletivamente
não são esgotos
não são problemas
y que lutemos pra retomar as terras roubadas y reflorestar
porque a terra
mesmo que devastada pela colonização que ainda acontece
tem memória y ali dentro as águas ainda correm
que se plantamos árvores a água também nasce
onde a cidade respira? onde ainda há plantas
porque são muitas y se espalham
porque são cura y nascem assim como quem todo dia acorda y toma café

onde moro agora
um rio corre livre
assentamento terra vista
rio aliança
não sei ainda seu nome de origem
mas sei que quando chove muito
y nesses dias tem chovido
enche transborda seus limites e vive livre pra isso fazer
banhando as árvores alargando as fronteiras
que são imaginárias
mas pensamos ser estáticas
as cercas essas que dizem pra cá y pra lá
y que limitam não apenas o espaço físico, mas também nosso espaço
psíquico
essas cercas, que eles insistem em esburacar as montanhas pra fabricar,
também serão quebradas

nesse torpor coletivo que somos impelidos a estar
ali dentro
a água ainda brota
precisa abrir espaço pra passar
buscar lá no íntimo do mundo
lá bem no fundo

antes do verbo
era água
y será sempre depois y ainda mais
nos mistérios congelados do antártico
força de contra ataque



RUTE ERAWA



RUTE ERAWA

Meu grito vem debaixo da terra, 2, 55, vídeo

Quando me mudei para a vila Anglo, não sabia que havia me mudado para uma viela que era um percurso de um rio, o água preta. O chão estava completamente asfaltado, mas em sua origem era de paralelepípedo, assim como todo o bairro da Pompeia. O paralelepípedo que estava presente absorvia a água, ao invés de sufocá-la, respeitando o movimento natural das águas. Eu, hoje, assim como outros moradores, estamos sonhando para que esse chão volte ao que era. Esse vídeo- curta- poema é sobre esses atravessamentos que a água faz e o quanto ela é sufocada e impedida pelo o asfalto da cidade de trafegar, ao mesmo tempo em que ela manifesta seu choro como um corpo vivo que estava adormecido.





RUTE ERAWA

ALEXANDRE GONÇALVES

Sou pai, trabalhador, artista, escritor e educador. Tenho construído meu caminho guiado pela utopia de um mundo solidário, harmônico com todos os seres e na construção da igualdade social entre todas as pessoas.

ALFREDO MOREL

Na infância, meus pais nos possibilitaram contato direto com o mar, com riachos, matas onde os percursos se faziam de acordo com o que nos deixava confortáveis, seguros e principalmente interessados. Um dia escutei meu avô marceneiro pedir para dois funcionários que trabalhavam com ele tomar cuidado para não pisar numa trilha de formigas que transitavam pela oficina no meio da serragem, onde também brincávamos. Em 1985, ingressei na faculdade de arquitetura e urbanismo e logo me apaixonei pelo planejamento ambiental, onde as discussões sobre as relações entre o ambiente e os seres vivos eram muito familiares àquelas referências que trazia do quintal de casa, da rua, da praia e das paradas na beira de qualquer estrada, que tivessem uma matinha ou água por perto. Fui tecendo caminhos e construindo repertórios nos conselhos municipais de patrimônio histórico e de meio ambiente, nos cursos de especializações e mestrado, e ao ingressar no terceiro setor, assim como na academia, concretizei o que acredito como missão de vida, ao colaborar para que as pessoas se sintam parte do local onde vivem, reconhecendo as interdependências nessa trama e as confluências que possam contribuir para o convívio afetivo entre plantas, bichos, gente. Pedi licença para entrar em diferentes territórios, conjuntos habitacionais, comunidades urbanas e rurais em áreas de risco, unidades de conservação, escolas, realidades contrastantes, mas com o desafio comum de sonhar, pensar coletivamente ações que evocassem um sentimento de pertencimento, de preservação da memória, de bem viver coletivo com respeito à vida.

ANGELICA BRUCKNER

Angélica, 36 anos, sou mãe do João Vicente de 10 anos. Filha de baiana e neta de pescador do Rio São Francisco. Meu caminhar nasceu guiado por uma infância na caatinga baiana, ouvindo das entidades da Terra,

baianos, pretos e pretas velhas e boiadeiros, seus saberes sobre o sertão. Com 19 anos, quando voltei para São Paulo, recebi como resposta à pergunta sobre qual caminho seguir, um sonho em que eu fazia um jardim. Acordei e busquei. Assim nasceu a profissão e, hoje, estou paisagista e permacultora há 15 anos, implantando sistemas de permacultura em espaços coletivos como escolas, casas e institutos. Sou atuante de movimentos como Slowfood Cotia e Transition Town Granja Viana, apoio projetos e sonhos agroecológicos na sua cidade, fortalecendo a rede com conhecimento técnico. Participei do projeto de implantação do jardim na laje da Casa do Povo, na formação do Gaia Education, em 2018.

ANAI VERA

Sou antropóloga, bióloga e pesquisadora paraguaia que mora no Brasil. Atualmente, sou doutoranda em Antropologia Social na USP, com pesquisa sobre etnologia Guarani. Atuei por dez anos no setor público do Paraguai, desenvolvendo políticas culturais e educacionais para povos indígenas. Apoio e assessoro organizações em defesa dos direitos indígenas. Sonho e fortaleço iniciativas em prol da tradução de mundos.

ERIKA SANCHEZ

Geóloga encantada pelos mistérios e manifestações das gentes e da Terra em seus muitos lugares. Com um caminho pela geologia de engenharia e geotecnica, atualmente sou doutoranda em hidrogeologia aplicada em áreas de proteção ambiental.

EZEQUIEL SANCHEZ

CAROLINA GONÇALVES

Professora da rede pública municipal, atuo na primeiríssima infância. Cabocla, formada também em biologia, tenho um projeto de agroecologia para bebês e comunidade de imigrantes no bairro do Bom Retiro.

JESSS GODOY

Sou artista transmasculino não binário cuja trajetória, tanto pessoal quanto profissional, é marcada pela dedicação em criar (re)conexões

com as pessoas, os territórios e minha própria existência autêntica no mundo, através da arte e do design. Sou graduado em Engenharia Biotecnológica pela UFRJ e pós-graduado em Design Estratégico e Inovação pelo IED-SP. Hoje, atuo principalmente como designer estratégico, além de ilustrador e tatuador. Ao longo dos últimos 10 anos, tenho participado de diversos projetos significativos voltados a acolhimento, troca de saberes e fortalecimento comunitário. Como a Yoni das Pretas, que promove as saúdes integrativa, íntima e sexual de mulheres cisgênero e pessoas com vulva, sobretudo negras. Ou ainda o Canal das Bee, em iniciativas de promoção da inclusão LGBTQIAPN+ em empresas. Esses projetos são alguns dos exemplos que me ensinaram a importância de cuidar e ser cuidado, de valorizar as histórias, as trocas e as vivências de cada ser.

MARTA ARAÚJO

Doutoranda em Educação (CAA/UFPE), sou professora da Educação Básica e ativista em Direitos Humanos.

PRISCILLA AZAMBUJA

Sou filha de mãe e avó. Fui criada na cidade urbana, numa casa em que me ensinaram a resgatar aranhas, não pisar em formigas, dar meu lugar aos cães. Mas estudei arquitetura. Iniciei minha carreira compreendendo a sutileza de tocar patrimônios tombados participando da elaboração de projetos para revitalização de construções históricas. Posteriormente, gerenciei obras na construção civil, desenvolvendo a complexa atividade de emergir as ideias humanas do papel, momento que evidenciou minha preocupação com os valores de sustentabilidade projetual e naturalidade material. A busca por mais propósitos de vida nas atividades da profissão criou uma ponte entre paisagismo e meio ambiente. Desde 2016, estudo conteúdos ambientais e desenvolvo projetos focados na conscientização de meus colegas e clientes sobre a importância de um jardim vivo e não apenas decorativo, que resgata as riquezas da paisagem ancestral para o ambiente atual beneficiando, dentro e fora de seus limites, a comunidade, o planeta e seus seres, tocando com mais gentileza nosso patrimônio maior: a Terra. De volta às formigas, me

realizo ao ver a bicharada alimentada, o solo rico e mais humanos despertados para a vida e para a história da paisagem.

RAQUEL CADONA

sou raquel cadona de souza, tenho 26 anos, nasci em santana do livramento. sou mãe de uma criança de 2 anos, makaê, nascida em santa maria, que adora água. de rio, de chuveiro, de pia, de chuva, de mar. onde tem água, makaê quer se banhar. moramos juntas, com mais várias pessoas, na terra do bem virá, no assentamento terra vista, em arataca. aqui teço, planto, capino, colho, construo, cozinho, converso, canto, sonho, me inspiro com quem veio antes, com quem veio depois, y luto pra que possamos despertar y ficar assim mais perto da terra y da água.

RUTE ERAWA

Vivo e trabalho em São Paulo. Cineasta. Minha pesquisa artística advém das relações entre corpo e natureza. Estudei cinema e arte-educação, e essas experiências, tanto em vídeo quanto na prática artística e pedagógica da arte, têm se dado em investigações nas relações entre humanos e o meio ambiente. Atualmente, encontro-me em processo de pesquisa em vídeo, a partir dos estudos de Anna Tsing e Donna Haraway sobre as políticas de vida e morte nas ruínas e paisagens multiespécies no Antropoceno.

SOFIA STEINVORTH

Sou Sofia Steinvorth (32), curadora e pesquisadora alemã-costarriquenha. Os meus estudos (em filosofia, dança, estudos culturais e curadoria) e projetos curatoriais refletem meu interesse pelas relações que tecemos – entre nós, humanos, e outros viventes – e os territórios que habitamos ou pelos quais passamos. Assim, as tensões entre (espaço) interior-exterior/pessoal-político surgem repetidamente e sob formas várias. Por exemplo, em 2022, durante a minha residência curatorial nos Bag Factory Artists' Studios em Joanesburgo, criei o programa Many Hands Make Light Work como espaço para pensar coletivamente a relação entre a manutenção (física) do espaço e a comunidade que o habita. Mais recentemente, no início deste ano, trabalhei com a artista brasi-

leira Natália Loyola, na primeira exposição individual dela em Lisboa. Intitulada *A Pele da Terra*, a exposição parte de uma investigação sobre a relação entre as camadas geológicas da terra, o extrativismo dos solos e a construção da linguagem. Comum aos meus projetos é a intenção de criar encontros que levem à produção de conhecimento através da troca e do convívio, assim como a sociabilização do conhecimento e um interesse por práticas situadas e socialmente engajadas. Aliás, participei do curso de curadoria na Konstfack, em Estocolmo, sob o tema “socially engaged curating in post-democratic times” com os curadores do Visible Project como convidados dessa edição. Dentre vários projetos editoriais, destacam-se *Propositions on Translocal Solidarity* (Archive, Berlim: em edição) e a recente coedição do livro *Fictional Geographies*, cujo lançamento está previsto para outubro, com o artista sulafricano Phumulani Ntuli.

FOTOS

As fotos deste caderno foram tiradas pelo grupo que participou da residência, equipe Selvagem e Casa do Povo. As fotos dos eventos com convidados da primeira e última semana são de autoria de Fred Siewerdt.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Leilão Arte para Arte, idealizado por Pedro Buarque de Hollanda e realizado pelo Hotel Emiliano com apoio das galerias Almeida & Dale e Blombô. Parte da verba arrecadada com a venda de obras de arte foi revertida para a realização dos projetos pedagógicos da Casa do Povo, entre eles Planeta Casa, edição 2024 de Casa-Escola.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2025



planeta «
» casa

planeta «

planeta «